



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 345 — Preço 1\$00
25 DE MAIO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

O Rádio Clube de Moçambique havia lançado a notícia do desastre sofrido pelo Homem que, um dia, através dos seus microfones fizera um apelo à boa gente de Moçambique em favor da Casa do Gaiato.

Os jornais diários colaram «placards» anunciando também o acidente de automóvel que o Padre Américo tivera perto de Paço de Sousa.

Ouvi aquela notícia e fiquei inquieto. Corri aos «placards» para ler e ter a certeza daquilo que ouvira e em que não queria acreditar. A notícia confirmava-se, mas ficou-me a esperança de melhores novas que poderiam vir; infelizmente, enganei-me. No dia seguinte, não havia dúvidas sobre a notícia da morte do Homem que soube levantar a maior obra social até hoje realizada em Portugal.

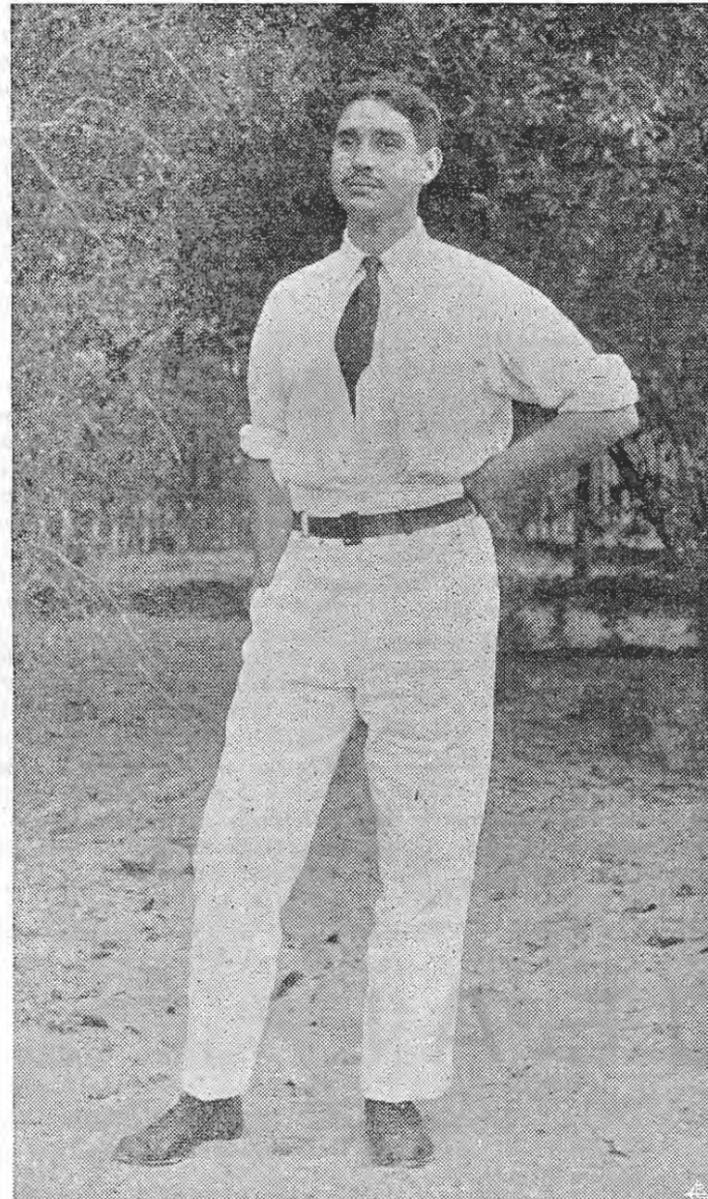
Durante muitos dias não fui capaz de falar, de ouvir, de ler; enfim, não tinha coragem para sentir a mais leve referência à morte do Padre Américo.

Sim, é verdade, não tinha, mas um dia o Júlio Mendes, o rapaz que acompanhara o Padre Américo a Moçambique, escreveu-me — e ao ler a sua carta chorei — não tenho vergonha de dizê-lo — a morte do Amigo a quem desde há muito me havia acostumado a respeitar e até a venerar.

Foi nessa altura que desabafei.

COMO EU O CONHECI

Vai já para 40 anos que um dia fui procurado por um ami-



go, o Rui, um dos «encanecidos», que me pediu para desenharmos um diploma que corres-

pondesse à nomeação de um «Cavaleiro da Ordem da Bengala» afim de ser oferecido a um rapaz amigo, pacatíssimo e bom, que vivia no Chinde.

Eu costumava rabiscar uns bonecos e não pude fugir ao pedido do comum amigo, um dos «encanecidos» de hoje.

Entregue o trabalho foi-me explicada a razão da «concessão» do tal diploma; não porque o contemplado fosse desordeiro ou brigão, mas porque metera na ordem um «cavaleiro» do Chinde, que de bom só tinha o apelido e que quisera emporcalhar o bom nome de uma pessoa das relações do nóvel «cavaleiro».

O objecto do desenho nada tinha de moca ou fueiro. Fora somente a bengala com que o tal «cavaleiro» se quisera servir numa espera traiçoeira ao «cavaleiro», o qual, afinal, lhe tirou das mãos pregando-

Continua na página TRES

Património dos Pobres

Cada vez sentimos mais a inquietação e aflicção dos párocos pela sorte de seus parquianos. Dia a dia chegam queixas e gemidos à cata de remédio para curar as feridas feitas pela miséria na vida de milhares de famílias portuguesas.

Graças a Deus que parte dessas famílias vão tomando consciência da sua situação e heróicamente, vão procurando libertar-se.

Há dias recebemos uma carta assinada pelo marido e mulher a pedir uma ajuda «para acabar a nossa casinha». Era dos arredores de Lisboa, entre Cascais e Sintra. A carta

totalmente ela é um hino à heroicidade da vontade humana e cheia de simpatia.

Na volta do correio mandamos ao pároco um cheque com uma pequena importância e pedimos que entregasse à dita família e nos informasse do seu viver.

É uma família que legalizou a sua situação perante a Sociedade e a Igreja há três anos. Têm vários filhinhos e um muito doente. Começaram há três anos a encher os alicerces num pedacinho de terreno oferecido. A medida que o homem vai tendo umas horas livres e a mulher adquirindo materi-

Continua na página TRES

DOCTRINA

Um dia destes passei pela campa de Pai Américo. Aquele bela pedra, majestosa em sua simplicidade, que ele mesmo, uma vez, me disse como queria, começa a desaparecer sob nódoas de cera. E eu fiquei a pensar naquela piedosa profanação. A pensar no seu significado. A recordar o profundo desacordo de Pai Américo com tudo aquilo.

Poucos como ele têm tido a intuição das linhas mestras da vida cristã e têm sabido tirar delas tão grande rendimento na acção.

Esta sobriedade, manifestou-a em tudo, em permanente fidelidade ao Decálogo, que todo se contém na acção do verbo «amar». Em tudo. Mesmo nas formas exteriores. Eu sou testemunha de muitas exclamações dentro das nossas capelas: «Que linda!... E tão simples!» Tudo bom. Todos os precisos. Mas nem um nada a mais do que o preciso. E na simplicidade e por ela se consegue a majestade que causa aqueles desabafos: «Que linda!...»

Mas o comum dos mortais prende-se à materialidade das expressões dos seus sentimentos íntimos. E tanto se prende, que na mesma medida se vai perdendo a intimidade desses sentimentos e algo da sinceridade deles. Não há malícia. É engano. É deformação de vistas. É um julgar errado de que aquilo que fazemos pode só por si substituir aquilo que somos.

Mas não pode. O nosso Deus, não é um deus de coisas, mas de pessoas vivas. As velas que Lhe acendemos, em homenagem intermédia a almas que muito O revelaram, só valem na medida em que representam a «nossa» luminosidade.

O nosso Deus quer-nos a nós mesmos desmedidamente mais do que às nossas velas. Elas não são um mal. Mas podem ser — e são-nos tantas vezes! — uma ilusão. Quem diz velas diz devoções, diz promessas, diz toda a sorte de desvios da «devoção» única e autêntica ao nosso Deus que «se adora em espírito e em verdade».

Só a Ele toda a honra e toda a glória..., porque é o nosso Deus, pelo Qual somos, pelo Qual vivemos, pelo Qual temos todos os dons que formam o nosso capital de acção.

Viver, em cristão, é amá-Lo e, nEle, amar todos os homens, que são imagens Suas e, nos homens, amar a Deus que neles mora como seu Criador e, porventura, pela presença sobrenatural da graça santificante.

Quem ama precisa de manifestar o seu amor. E então sim, têm lugar as manifestações externas desse amor, que quanto mais verdadeiro e intenso, tanto mais majestoso na simplicidade. Deus é a infinita simplicidade.

Quem ama, confia. A grande esperança não reside nos pobres dons que podemos ofertar em troca dos inapreciáveis talentos de que carecemos e que o próprio Deus nos destina, na mais salutar medida que só Ele sabe.

A grande esperança está na Sua infinita misericórdia. Basta pedir com a certeza de filhos. «Porventura vós sois tão maus, que se os vossos filhos vos pedirem pão lhes dareis uma pedra, ou se pedirem peixe lhes dareis uma serpente? Então... quanto mais o vosso Pai que está nos Céus».

Pedir com esta certeza é uma forma de amar, de glorificar, «em espírito e em verdade». É uma luz que acendemos em nós mesmos, que toca o coração de Deus mais do que as velas que deixamos a arder, sózinhas, enquanto nós nos consumimos — quantas vezes! — longe da Lei de Deus.

«A Minha comida e a Minha bebida é fazer a vontade de Meu Pai». Só à semelhança de Cristo, o Homem Perfeito, seremos homens perfeitos.

Ora pois, sejamos mais discretos no acender de velas, e absorvamo-nos na mesma fome e sede de Cristo Jesus, à semelhança de Pai Américo: O amor é a vida do único desejo que vale eternamente:

«Fazer a vontade de Meu Pai».

Agora

A frente vêm uns noivos na festa do seu casamento. Uma família que principia é uma promessa de boas esperanças para a comunidade em geral. É uma «construção» nova que vai alargar e enriquecer a cidade social. Se os fundamentos dela são feitos de vida cristã; se as paredes se anunciam da mesma sorte; se são ele e ela a acarretar pedras e argamassa, cantando em uníssono os louvores de Deus — oh beleza que já se antevê!

Principiam hoje vida nova e hoje mesmo principiam a sua casa, com mil. Mil, somados por migalhinhas que ele e ela arrecadaram em solteiros e que hão-de ser acrescentados de outros onze, juntos do mesmo modo, até à casa.

Quando será o fim?... Isso não importa. Quanto mais durar, tanto mais amor dele e dela se terá juntado. Amor é o que se chama o preço de uma casa do Património dos Pobres. O resto são contas de mestre de obras.

Mais 2.000\$ de Coimbra, «em cumprimento de um antigo propósito». E mais: «Que Deus vos tenha dado e a todos os padres da Obra da Rua e aos rapazes e senhoras da Obra uma Páscoa Santa e feliz». Faz-me lembrar a intenção de missa habitual naqueles dias em que o «Pastor celebra pelas suas ovelhas»: A Obra, os seus rapazes, os seus obreiros. E nestes incluo os nossos benfeitores.

Obrigado, meu senhor, por tudo e mais por tão delicados desejos. Cá registamos que só faltam 1.500\$ para dobrar a meta dos doze.

Em metade vai o J. C., o da Casa «A Minha Noiva», com mais esta prestação de 500\$.

Casa Candidinha e seu pessoal, deixaram a nona prestação de quatrocentos no Espelho da Moda. Cento e vinte de Guimarães, «em cumprimento duma promessa». 192\$ referentes a Abril do pessoal do Grémio de Panificação. Mais useiros. O dos vinte do tabaco a menos durante o mês findo; o Pessoal da HICA com 1977\$40; o do «plano decenal» com a quarta prestação de cem, referente ao 3.º ano; a quarta prestação de M.: mil angolares; outra quarta de 500\$ para a casa «Lar de S. José»; e mais uma da «Casa do António e do Fernando».

As alunas da Escola Industrial Aurélia de Sousa vieram aí de passeio e deixaram 2.042\$50, primeira pedra para a sua casa.

Uma casa entregue no Montepio Geral em Lisboa. «Possam aqueles que a habitarem serem felizes e terem saúde, como aquela que Deus concedeu a um doente muito querido de Luisa». Ó plenitude do amor de Deus, somente realizada no multiforme amor dos homens nossos irmãos! Mais preces que sobem espontâneas do coração dos homens: «junto mando 200\$, rogando ao Pai Américo para que peça a Deus que me dê saúde e trabalho para poder auxiliar os pobres e criar as minhas filhas. Agradece.

Um operário do Porto da Beira».

Por mais vulgares que sejam no nosso correio estas afirmações de que o homem é espírito, a gente não lhes perde o sabor de eternidade e, mais do que ninguém, permanece assombrado. «Pelo nascimento do meu primeiro filho», 100\$. É Porto. Dez vezes mais «em acção de graças pela recuperação de 4 paredes que estavam muito mal entregues».

E duas chegadas à «Casa de N. S.ª de Lourdes»: cem escudos de Lisboa de uma que crê ser e é a terceira a enfileirar; e o mesmo, que um vicentino junta da «sua pobreza» a esta carta sobrescrita ao Pai Américo e justificada assim:

«Quando subscritei o envelope (é a força do hábito) lembrou-me o que está escrito no túmulo de António Frederico Ozanam: «Não procureis entre os mortos o que está vivo».

Assim também, de balde procuramos entre «os mortos que os mortos enterraram» aquele — querido P.e Américo, — cujo patrocínio junto de Deus implorei no seu túmulo, de que conservo um pouco de terra, e continuo a suplicar para que faça prosperar as suas obras e se compadeça deste pobre que nem sabe o que quer nem para onde vai».

Meu bom amigo, não será muito fácil construí-la perto da capelinha de Nossa Senhora de Lourdes, em frente ao Mosteiro de Paço de Sousa, conforme seu desejo; nem sei como as Lourdes nos vão deixar quanto à casa com esta invocação de Nossa Senhora. Porém, fique onde ficar, seja qual for o tempo da edificação, sempre será uma oportuna lembrança aos homens que

O «Doutrina»

Afinal pudemos mesmo antecipar-nos ao prometido. Os primeiros AA do ficheiro da nossa Editorial já o lá têm. Cartas chegam todos os dias pedindo. E, posto sejam ainda em pequeno número os exemplares saídos, aparecem já desabafos como estes:

«Obrigado por se ter lembrado de mim enviando-me o pequeno grande livro «Doutrina». Recebi-o ontem e já li uma grande parte com imensa satisfação, assim como tudo que sai da V. tipografia.

Que o Bom Deus continue a guiar-vos para o Bem Comum».

Outro: «Os vossos livros são os melhores que se podem desejar à cabeceira da cama para se lerem alguns capítulos, todos os dias antes de adormecer».

Ora aqui está uma afirmação da necessidade da leitura espiritual quotidiana. E que melhor leitura do que aquela que nos embala no amor a Deus no próximo?!

A actividade na encadernação continua. Eu tremo muitas vezes ao dia pensando nos livros que hão-de levar jollhas trocadas, tanto mais que o «Viagens» tem estado a sair e há ali delas. Eu tremo e recomendo. Mas não prometo o milagre de 100% dos livros são. Quando tal acontecer, se acontecer..., os senhores tenham paciência e lembrem-se que isto é a Casa do Gaiato.

passarem, da misericórdia de Maria, Consoladora dos Aflitos, Auxílio dos cristãos.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Esta é, como todas, uma «procição». Por isso, não vai a galope; devagarinho, sim. As vezes pára. Descansa. Ganha energias. Mas não adormece. Retoma a caminhada mais fresquinha. Com mais fôlego. Que a distância é longa, com ladeiras e obstáculos, até. É o caso da cobrança, tratado em o número anterior. Não que por via dela o monte decresça. Não. O que vem supre. E sobra. E diminui a extensão entre o sair e o recolher. Entre o n.º 1 e o 50.000.

Pudéssemos dar à estampa tudo que nos vem à mão: cartas e mais cartas, inflamadas. Plenas de boa vontade, amor e dedicação. Pudéssemos dá-las todas. Mas não. Não podemos. Figue, no entanto, a certeza que a Campanha é fonte inexgotável de amor. É um acordar de consciências. Já prende muitos e há-de prender mais leitores. Todos? Só os escolhidos, os tocados. A Campanha é lugar de Sacrifício. Vale bem a pena o Sacrifício por uma causa justa.

À frente segue um assinante de Cacém:

«Pretendo com isto lançar a minha minúscula ucha neste braseiro que há-de ser incêndio esplendoroso (os cinquenta mil assinantes). Leio com interesse os constantes apelos no jornal, pequeno no formato, mas grande pela doutrina e às vezes ponho-me a cismar como somos pequeninos e ridículos e mesquinhos para com as obras de Deus, as únicas que nos tornam grandes e possuidores de méritos verdadeiros para a autêntica vida — o Céu».

«Uma acha neste braseiro». Braseiro que aquece não o corpo, mas o espírito. Feliz braseiro! Há-de ser incêndio esplendoroso». Quem duvida? Se Deus por nós, quem contra nós?

«Como somos pequeninos... para as obras de Deus... Dê-me licença; dê-me licença de lhe beijar as mãos, prezado assinante. Cartas, como esta, são de a gente cair esmagado. Oh carta! Oh carta das cartas!

Vem lá Coruche, com 2. E Cortegaça, com 3. E Luanda, igual. E mais Luanda com 4 assinantes e a nota indispensável: «São poucos, mas bons...» E a promessa: «Espero que, brevemente, possa enviar uma nova lista». Aparece, agora, o assinante 3902 com 10. Certos, certinhos? O Roque pede esclarecimentos. De Valadares, assinante 24461, mais 4 deles e «sempre que possa arranjar mais». Esta, a legenda da maioria. A legenda dos insatisfeitos. Deve ser, e é, gente de trabalho. Horas tomadas e pouco tempo de sobra. A maioria. Os mais insatisfeitos. A coluna forte do «Gaiato». A esperança dos cinquenta mil. Lisboa, 5 e dinheirinho à frente. Oiro sobre azul! Estes não escapam... porque seguros a pedra e cal.

De algures, alguém diz assim: «Tendo-me sido concedidas duas graças por intermédio do Pai Américo peço a fineza de me enviar o jornal «O Gaiato» do qual desejo ser assinante, cumprindo, assim, a promessa que fiz».

Ficamos por aqui.

Até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes

Acaba de sair o livro «DOUTRINA»

Se ainda não é, pode inscrever-se como assinante da nossa Editorial.

Visado pela Comissão de Censura

SETUBAL

De
Pedre Baptista

A Obra da Rua, no pensamento que a ditou, destina-se aos rapazes da rua. Não importa que carreguem vícios e cadastro. Requeira-se, somente, que sejam da rua. Infelizmente sucede haver intrusos com pais e regular condição de vida. Por erradas informações aqui deitam muitos indevidamente. Mas na normalidade regressam ao ninho paterno por sua livre vontade. A selecção é feita pelo rapaz. Se não tem casa fica; se tem retorna. Podem os pais empontar. O rapaz regressa. E nós contentes Ralhamentos por conservarmos portas abertas, mas com elas assim a selecção faz-se sem constrangimento. Ora o «Francês» é caracteristicamente dos nossos. Estava eu no escritório do Tójal, quando ele entrou por ali dentro. Vinha roto e descalço. Um momento de silêncio e indecisão precedeu a súplica que o trazia de tão longe:

— «Eu venho pedir para ficar. Não tenho ninguém. Minha mãe morreu em França. Eu também de lá sou, mas vim em pequeno. Meu pai está com

outra e correu comigo. Sou um estorvo. De modo que ando pela Ribeira a roubar e fico nos botes. Ando fugido à polícia, mas não gosto desta vida. Quería outra».

Convinha primeiramente tomar o pulso ao rapaz. Dei-lhe jantar e levei-o a Lisboa, com promessa de o receber volvido um mês. Naquela noite o leito do rapaz foi um vão de escada.

Passado o mês ei-lo sorridente. Era o mesmo vadio e ladrão, mas com vontade declarada de se regenerar. Tinha de ficar.

Hoje a casa dele é Setúbal. Quando o garoto das ruas nos procura, como havemos de despedi-lo? Quebram-se as barreiras do impossível e aceita-se.

Ainda que a Obra da Rua não tivera méritos e valores positivos a ostentar, pelo menos desviou já das cadeias centenas de celerados, e tirou do banco dos réus outros tantos criminosos.

Para valorizar estes rapazes no tempo e na eternidade é o

contributo que ao longo dos dias vai caindo em nossas casas.

A senhora do Largo de Santa Maria voltou com 400\$. Um grupo de bem fazer trouxe bolos e bolas, que já estoíram.

Do Governo Civil roupas para uma dúzia de rapazes e oito sacos de feijão.

O Crisanto continua a ser o menino bonito, como se fora o único a fazer anos. Eu nem digo das prendas, tantas e tais! Na igreja de S. Julião cinco notas de vinte. Da Câmara de Grândola 960\$. Do Governo Civil de Évora dois mil. Outra Câmara, a de Alcácer com mil. A Junta de Freguesia da Anunciada, cem. Um advogado de Setúbal veio com cinquenta. Ali um senhor chama-nos e entrega queijos. No Setubalense carregamos roupas. Em mão cinquenta. Pela promoção de um filho, vinte.

Agora vejam a devoção desse marido que entrega 537\$ — «É o produto do primeiro ordenado de minha mulher, conforme promessa que havia feito».

Mais notas de cem, de vinte e uma chapa de dez. Temos amigos incansáveis a trabalhar a todo o instante por nossa conta em Setúbal. Se nos falta roupa, se material de enfermagem, se material didáctico, tudo conseguem. Bem hajam de igual modo.

O Conselho Vicentino de Setúbal veio pela Quaresma romper a pazez habitual desta pousada despejando aqui uma avalanche de gente. Simpática visita a uma casa de Pobres! Como é do preceito vicentino não esqueceram a esmola. Uma cotização somou setecentos escudos.

Não pode ser em vão a perseverança do trabalho de costura das senhoras vicentinas. Está já no quadro da vida desta casa. Ele não pode acabar, porque nunca está feito, a menos que amarrem os rapazes. Ora eles têm que andar.

Voltamos às conservas, mas desta vez para agradecer. No entanto aguardamos, melhor, eles aguardam. Um saco de farinha dum lavrador alentejano. Que extensões imensas de trigo no Alentejo, e paradoxalmente uma carência de pão tão assustadora naquelas áreas!

Continua na página TRÊS

A minha história...

Por Deus, foi que vim a este mundo. Nasci em 23 de Março de 1929, numa pitoresca aldeia deste Douro querido. Para defender uma só bandeira, — a de Cristo. Fui baptizado na igreja paroquial da minha terra Natal — Rio de Moinhos. Era filho de Maria da Conceição Soares e de António Pinto, que hoje dormem à sombra da Cruz.

Muito novo, teria talvez uns 4 ou 5 anos, quando desapareceu aquela a quem mais no mundo amava — minha mãe. Se há palavras que, na sua pequenez, encerram todavia um mundo de grandeza, uma delas é o pequenino monossilabo MÃE. Passados alguns dias, fui para a Foz do Douro viver com meu pai, que trabalhava como jardineiro.

Enquanto ele ia para o trabalho, ia eu para casa duns senhores, que mais tarde me arranjaram a ir para um colégio, onde fiz a instrução primária e donde vim embora aos 13 nos.

E como o tempo voa!... Entretanto falecia o meu pai. E eis-me só e órfão neste mundo de Cristo.

Regressei à minha terra natal, para viver em companhia de uma tia e de seus filhos, numa miserável barraca. Vendo as dificuldades em que vivíamos, uma senhora ofereceu-me guarida, e eu passei algum tempo a viver em sua companhia.

Passados tempos, começa a espalhar-se a Casa do Gaiato — Obra de Rapazes, para Rapazes pelos Rapazes. Contaram-me o fim desse Santuário que era o amparo da criança abandonada, transformando os rapazes viciosos e maus, em rapazes virtuosos e bons.

Meto-me a caminho com destino a Paço de Sousa. Chegado aí, disse das minhas dores e de me encontrar sozinho. Pedi para ficar, mas não foi aceite a minha petição. Assim sucedeu por duas vezes. À terceira tive sorte. Deus tinha-me guiado com bons passos.

A minha vida é outra. Mas como Deus é Pai!... E assim, sentindo-me feliz, ia vivendo...

Um dia apareceu-me a doença e então tive de deixar a nossa aldeia por alguns meses, para dar entrada numa casa de saúde.

Perde-se o gosto pela ventura da vida quando nos falta a saúde. Mas Deus dá-nos a doença para nos resignarmos e sofrermos. Ele deu-nos o exemplo no Monte do Calvário. Mesmo a verdadeira grandeza gera-se no dor.

E depois de um ano e quatro meses é que regresso à Casa do Gaiato. Habituei-me ao trabalho e a este dou o melhor do meu esforço.

Trabalho e vou tendo saúde graças ao Criador.

MANUEL PINTO

PATRIMONIO DOS POBRES

ais, as paredes vão subindo. Hoje está a casa quase no fim. Quando tudo lhes parece falar, esperam em Deus.

Ontem mandaram-nos uma carta a agradecer, carta esta que nos confunde, tal a sua grandeza espiritual. Quem ensina os Pobres a afirmar Doutrina tão alta, senão a Bondade de Deus?

As Conferências de S. Vicente de Paulo de Pombal, com o pároco à frente, estão a dar os primeiros passos para abrigar humanamente as famílias necessitadas daquela importante vila. Têm ali muito que fazer. Há o problema da barraca que anda sempre ligado ao problema da miséria moral. Temos de lá um pequenito numa das nossas casas que há dias, numa carta que escrevia a uma irmãzita que tem a ser-

Continuação da pág. UM

vir em Lisboa, se lastimava da situação desonrada da mãe com cinco filhos, «cada um de seu pai» e pedia à irmã que fosse «sempre muito pura, muito amiga de Deus e da Mãe do Céu e rezasse muito pela mãe». Que Pombal venha a merecer este nosso rapaz!

O pároco de Cortes de Leiria anda aflito com a situação de muitas famílias da sua freguesia que vivem em lugares imundos e indignos de animais.

Na Lourinhã já há terreno e muitas casas a andar. Em Oeiras entregaram as quatro primeiras. Os diários noticiaram que os habitantes ficariam a pagar renda. O Sr. Prior informa-nos que não e que desconfiemos das notícias dos nossos jornais diários. Vai continuar a construir mais. Ainda tem muito terreno, vontade e muitas famílias à espera. Deus o ajude.

Em Alpiarça foi lançada a primeira pedra para quatro. O terreno foi comprado pela Câmara e oferecido ao Património dos Pobres. É espaçoso, bem situado, cheio de oliveiras. Com o entusiasmo e amor que ali sentimos, temos a certeza que em breve estará povoado de casas.

Pavia tem duas quase prontas. Moura esteve em festa pela alegria de ver treze famílias com suas casinhas com muito espaço, luz e seu quintalinho. O pároco informa-nos de que precisa de cem casas para já e que lhe custa pedir a quem já deu para estas. Olhe, Sr. Prior: quem já deu torna a dar e dá sempre que for preciso; esta é a regra do Evangelho. A Caridade nunca se esgota; e se esgotar, não é Caridade. A sua gente toda o estima e não lhe nega a sua ajuda.

da. Não é para si; é para Deus nos nossos irmãos Pobres. Vá para a frente.

Pias quer começar com dez. Os párocos de Ferreira do Alentejo, Grândola e Messejana andam já a trabalhar.

Agora vamos até ao Algarve entregar as duas primeiras que ficam na freguesia de Paderne. Ficam mesmo rentinho à Estrada Nacional. O Senhor Bispo celebrou a Santa Missa e falou ao povo que enchia completamente a igreja. Com toda a alma pôs à consideração de todos o grande exemplo de doação que nos deu o Pai Américo e pediu, por intercessão dele no Céu, que estas duas casas de Paderne sejam o estímulo para quantas forem necessárias no Algarve.

Deus seja louvado!

Padre Horácio

SETÚBAL

Continuação da pág. DOIS

Têm vindo visitantes com vinte, cem e quinhentos. Muitos mais haviam de chegar aqui, se o transporte fosse coisa fácil. Nós atrevêmo-nos a pedir à Empreza Belo uma ligação para Algeruz e antecipadamente agradecemos.

Em acção de graças 200\$00 de M. H. B. C.

Da herdade de Palma 5.000 escudos.

A nossa Páscoa foi ocasião de muita gente manifestar sua amizade. Amêndoas e lambanices adoçaram as horas daquele dia.

Vai aqui finalmente a receita da nossa conferência: parcela duma dádiva por todas as conferências da Obra, 2.050\$; de Tondela 20\$; e mais uma migalha de 20\$ de Lisboa. E é tudo.

Padre Baptista

OS ENCANECIDOS

Este foi o nome que Pai Américo lhes deu e se deu, no reencontro de 1952 em Moçambique. Se aquela viagem teve horas saborosas, nenhuma como a deste convívio retomado após tantos anos de separação.

Os «encanecidos» são os rapazes daquele tempo que Pai Américo viveu em África. A amizade de então nunca diminuiu. Diferenças de credo, vidas extremadas, não puderam impedir a beleza e a felicidade dos irmãos reunidos que o Salmista canta: «Que bom e feliz o encontro dos que se estimam!»

Eu ouvi de Pai Américo recordações daquele tempo. Ouvias deste mais recente de 1952. Os anos, a distância, uma vida nova plena de amor, não desvaneceram nele o afecto que sempre os uniu.

Aos velhos companheiros o mesmo aconteceu. E a dizer-nos que assim é; que nem anos, nem distância, nem a própria morte podem quebrar uma amizade verdadeira, eis a carta há pouco recebida:

«Hoje venho trazer-lhe um cheque de Esc. 15.000\$00 que um grupo de amigos que muito privaram com o Padre Américo manda para uma casinha destinada a um pobre ou um casal que o mereça.

Esta casinha, gostaríamos que tivesse a seguinte inscrição:

Dos «encanecidos» ao Padre Américo, Moçambique, 1957.

Quando ocupada pedimos que nos diga por quem, pois é desejo dos encanecidos ajudar quem tiver de a habitar.

Para si, apenas, vão os nomes dos que contribuíram para esta casinha. Todos conviveram inteiramente com o Américo, o saudoso amigo. Aquele que veio a ser o Padre Américo, que o país inteiro conheceu e chora a sua perda.

Pego-lhe que não mencione os seus nomes. Apenas agradecem todos que se rejira no «Gaiato» à saudade que sentem pelo saudoso amigo.

Acite dos «encanecidos» os seus melhores cumprimentos de estima e muito respeito.

Facetas de uma Vida

Continuação da pág. UM

lhe com ela o correctivo merecido e guardando-a, depois, como reliquia apreciada.

O diploma de «Cavaleiro da Ordem da Bengala» (assim como a respectiva condecoração feita em cortiça) foi-lhe entregue no Chinde. Dessa entrega foi encarregado um amigo comum, lá residente, a quem pela «Ordem» foi passada a «procuração», com recomendação especial de a fazer com luzimento. Para o efeito, o tal amigo reuniu numa ceia um apreciável número de amigos e o futuro «cavaleiro». A meio da ceia o «procurador» leu a «procuração» e o diploma, acabando por entregá-lo, assim como a condecoração de cortiça, tendo o homenageado barafustado contra aquela partida que o envergonhava...

Um dia o «cavaleiro» veio a Lourenço Marques e um grupo de amigos preparou-lhe uma recepção condigna. Depois de efusivos abraços foi feita a apresentação do autor do diploma ao Américo Monteiro de Aguiar.

Eis o diploma:

ALVARÁ

Saibam quantos este nosso alvará virem, que:

Tenda chegado ao nosso conhecimento o soberbo gesto de dignidade praticado pelo cidadão minhoto Américo Monteiro de Aguiar, residente na vila do Chinde, districto de Quelimane (Zambézia), em desforço de um agravo pública e injustamente sofrido;

Considerando que actos de uma tal natureza, quando, como este, praticados sob o impulso de uma irresistível sede de justiça e desafronta, são dignos de louvor e admiração;

Considerando ainda que tais actos dão, incontestavelmente, aos seus autores, um apreciativo valor moral e arrancam-no, em consequência da banalidade, impondo-os ao Universo como personalidade marcante na sociedade mundial;

Considerando mais que, além do benefício moral obtido, o gesto citado melhorou sensivelmente os baveres do «gostante», pela penafidela conquista de uma bengala, que terá, porque assim o queremos, a devida consagração histórica;

Considerando as belas qualidades morais que concorrem na pessoa do referido cidadão Américo Monteiro de Aguiar, abstraindo os defeitos que, para o efeito, se não contam;

Considerando mais coisas que se não dizem para não ferir a modéstia do supracitado cidadão;

Havemos por bem — porque nos apraz e assim o queremos e resolvemos — nomear o cidadão Américo Monteiro de Aguiar, «Cavaleiro da Nobre Ordem da Bengala» condecorando-o com a Gran Cruz de Cortiça, insígnia privativa da referida Ordem.

Passado aos vinte e dois dias de Janeiro de mil e novecentos e dezassete na cidade de Lourenço Marques, sede da Ordem.

Raúl Leite Alprencr(?)

Manoel Dias Neves

Sebastião Jaime de Carvalho

Adriano de Carvalho

Jorge Augusto S. Trigueiro

Luis da Fonseca

Rui Medina Vasconcelas

José Simões Silva

Alberto Galhardo Ramires

Gil Medina Vasconcelos

ARTUR MEIRIM



Carta do Brasil

«Caros companheiros:

Como estais de saúde? Eu bem felizmente. Cá cheguei e estou satisfeito, muito embora cheio de saudades como é próprio duma pessoa que se ausenta para outro país, deixando os seus amigos e uma Obra onde durante nove anos foi criado e educado. Na impossibilidade de escrever uma carta a cada um, devido à falta de tempo, quero aproveitar esta oportunidade, para vos dar a conhecer a minha impressão do Brasil.

Conheceis de nome o Brasil; mas, se o conhecesseis com os próprios olhos, então ficáveis maravilhados, com a beleza natural das coisas, como por exemplo as praias, as lindas avenidas e parques e os seus monumentos históricos. Um país moderno, pois todos os dias são arruinados edifícios antigos, substituídos por casas elevadíssimas. O comércio está desenvolvido e explorado, na maioria por portugueses. Enfim... Só a liberdade e a muita

gente diferente, origina por vezes acontecerem casos para entristecer.

Quanto a mim, estou empregado num Banco como escrivão duma secção de cobranças e, embora a ganhar o mínimo, chega para mim bem equilibradinho, mas ao princípio é assim. Depois, chegará e dará para fazer economias. Além disso, estou a estudar, e tirar o curso de dactilografia e aguardando ocasião para continuar o curso comercial. Não esqueço esses belos costumes religiosos, e como se estivesse aí, fiz também a minha comunhão Pascal. A todos em comum, um abraço amigo e cheio de saudades.

Manuel Henriques (Hélio)

x x x

Com esta carta, vinha outra para mim e o sobrescrito do Banco Mercantil de Niterói que lhe trouxe o primeiro dinheiro ganho no Brasil.

Um pormenor, uma destas coisitas sem importância que caem bem e a gente conserva como lembrança delicada.

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE LISBOA

Meus caros leitores, é a primeira vez que se dão notícias deste novo Lar. Vimos para ele no dia 13 de Fevereiro do corrente ano. Tem um aspecto agradável e um ambiente feliz. A casa tem salas amplas; umas para dormir, outras para jogar, outras para estudar e outras para comer. Para remediar tem um pequeno quintal. Todo ele está muito vazio por ora mas há-de-se compor se os senhores quiserem conhecer as nossas faltas.

No dia da entrada foi uma grande trapalhada. Mas quem não se atrapalha com mudanças? No outro dia é que foi! Foi o jantar de inauguração. Meteu vinho do Porto com discursos no final.

Tem vindo muita gente de lá longe ver, todos gabam. Dizem que por aqui também há muita gente amiga, nós estamos à espera. Nós tínhamos boa impressão da Estrela e por isso ficamos contentes por termos para estes lados. No entanto vamos a ver se não se desfazem as nossas boas impressões. Os senhores têm a palavra.

Temos saído aos domingos. No passado fomos até ao Jardim Zoológico. Levamos almoço e foi o dia todo por

Chales de ORDINS

O carteiro alguma coisa nos trouxe nesta quinzena. O Patronato de Nazaré agasalha alguns dos seus bebês. «Pedia o favor de enviar mais três chales em branco... para os nossos bebês». Aquele «mais» significa que a caridade por Ordins não nasceu agora, nem morreu na primeira hora, em que conheceu estes artesanatos. Traz com ele uma alegre esperança: «espero que dentro em pouco mais encomendas farei».

Matozinhos com 100 um de 95. O mesmo diz Loures. E Águeda com 130 um grande. Do Porto, com 100, «um chale escuro para uma pobrezinha se agasalhar, o que ofereço pela alma do nosso querido e bondoso Padre Américo».

Outra vez o Porto — «se ficar satisfeita mandarei vir outro» — e Lisboa, Insua e Fonte da Bica e Lourenço Marques. E mais nada.

Abriu findou. O último dia do mês é feito sempre de esperança. Mas quatro tecedeiras nada receberam. Continuam a esperar. Talvez Maio lhes traga alguma coisa. É agora que as mais necessitadas me batem à porta. «Dê-me alguma encomenda quando houver». E desfilam diante de mim, as suas vidas feitas de dor e incerteza, à espera que eu me condôia e as atenda. Ouço suas doenças e somas de dinheiro pedido emprestado. E o pão que comem sabe-me a azedo, quando na mercearia ouvem: «não lhe vendo mais fornada alguma de pão, sem trazer o dinheiro». Pão misturado de lágrimas.

P.e Aires

lá. Todos acharam maravilhoso. Bonita foi a partida que pregamos aos macacos. Lançamos para o meio daquele um balão que rebentou ao cair na terra. E logo todos os macacos desataram a procurar uma coisa que já não existia. Bem procuravam, mas em vão. A melhor foi ainda a do Luis. Pensava que era internacional de patins, acabando por cair no chão e deslocando um braço. E do Jardim foi parar ao Hospital de S. José. Ficou de emenda.

Quero por fim falar-vos dos nossos pobres. Tivemos de arranjar outros mais próximos. Mas os subscritores, esses podem ser os mesmos. Não se esqueçam, pois, de nós, melhor, dos nossos pobres.

Isto aqui é Rua dos Navegantes, 34, r/c — Telefone 669451.

EDGAR

MIRANDA

— Caros leitores, é pela primeira vez que escrevo para o nosso Famoso. É claro que os caros leitores me vão desculpar, se eu nesta ou naquela frase me enganar. Mas como acima mencionei é a primeira vez.

Começo por dizer que sou serralheiro, trabalho nas nossas oficinas e tenho comigo actualmente três rapazes. Temos sempre serviço para todos. Pena é que as ferramentas não cheguem para todos. Por isso, eu venho lembrar, visto já o meu companheiro ter falado nisto. Que se alguns dos nossos leitores tiverem algumas destas ferramentas que lhes não seja precisa, para nos enviar, Deus lhe daria a paga neste mundo e na vida eterna.

— A nossa desobriga pascal foi na Quinta Feira Santa. Começamos a nossa preparação na segunda feira, assistindo em primeiro lugar ao Santo Sacrifício da Missa. Depois veio o Sr. Padre Cristo, do Seminário da Figueira da Foz, que em vez de ir para férias, para assim descansar, veio para aqui até Quinta feira Santa para nos preparar, fazer uma lavagem à nossa alma, mas bem feita.

Falou-nos quatro vezes por dia até quarta feira, dia de confissões em que vieram mais dois senhores padres, um da Figueira da Foz, outro de fora. Na Quinta feira Santa assistimos à Santa Missa comungando precisamente à hora em que Nosso Senhor instituiu o Sacramento da Eucaristia. Assistimos também às cerimónias de Sexta Feira Santa, fazendo uma hora de adoração a Nosso Senhor Jesus Cristo. E também às de Sábado Santo, comungando todos os dias. Na Quinta Feira Santa foi o dia mais alegre, não só por termos feito a nossa desobriga, mas também porque nesse dia, 8 dos nossos pequeninos fizeram a primeira comunhão. Fazendo-os assim melhores conhecedores de Deus, tendo-o presente dentro de sua alma. Nunca nos esquecemos ou melhor, nunca nos devemos esquecer que prometemos a Deus em sermos melhores, do que até aqui.

Foi também um dia muito alegre o da Ressurreição. Domingo de Páscoa, dia em que Cristo ressuscitou. Também nós ressuscitamos quando um pecado confessamos, ressuscitamos como Cristo ressuscitou.

— Acabamos este mês a sementeira da batata. Agora até dá gosto vê-las nascer e os nossos miúdos a dizerem uns para os outros: É pá, as batatas do Olival é que estão grandes. Aquilo é que vai ser comer batata. E vai outro e diz: Mas tu não fizeste nada, por isso não comes, e eu como porque também andei a pôr adubo.

Agora andamos na sementeira do alho, nosso principal alimento. Até dá gosto ver todos os rapazes nesta tarefa. Uns cortam erva, outros cavam, outros espalham o esterco e assim toda a gente trabalha. Nós não temos cá homens de fora a trabalhar, nós é que fazemos tudo. E toda a gente trabalha, quer os do campo, quer os das oficinas, lá não fica ninguém porque quando é para comer todos se chegam.

Joaquim Alberto (Nelas)

LAR DO PORTO

— Sobre o pedido que fiz no jornal estou sinceramente agradecido. Não foi em vão, até de Lisboa mandaram retalhos e alguns bons. A todos muito agradeço e espero que se tiverem por aí mais alguns, não se esqueçam de no-los enviar.

— Agora à noite também trabalhamos cá em casa, é uma semana na copa, outra no refeitório, outra nas batatas. Deste serviço só são excluídos os magalãs e os que já fizeram o serviço militar.

— Temos recebido alguns viveres, como por exemplo: pão da Padaria Primavera e pão de forma do Café Aviz que deu umas torradas deliciosas.

— Vieram de Paço de Sousa o Tomar e o Augusto que vêm dispostos a fazer o 2.º ano do Liceu. Foram preparados pelo Carlos Inácio. Desajam-lhes felicidades na iniciativa.

CONFERENCIA — Chegaram alguns donativos para os Pobres o que nos dá já um saldo favorável, mas não pensemos que não precisamos de mais, pois para aquilo que nós queremos fazer, nada é de mais. Já temos alguns leitores que se inscreveram na campanha «tenha o seu Pobre» e esses com o dinheiro que nos mandam, mantêm os Pobres actuais, e depois como não dormimos à sombra dos louros colhidos, vamos socorrer outros que infelizmente não nos faltam.

Estou mesmo esperançado que vamos realizar uma conferência que vai ser a alegria de todos nós e dos nossos benfeitores, que nos auxiliam, trabalhando assim em favor dos Pobres. É esta a maior homenagem que podemos prestar ao Pai Américo.

Recebemos mais um leitor que quer ter também o seu Pobre. Muito gostava de publicar a carta inteira mas não pode ser devido ao espaço. Começa assim:

Não sabia a quem dirigir-me para ter o «meu Pobre». Ou o que deve ser certamente mais verdadeiro, o «fgo» ainda nem me «chamuscara», apesar de tantas vezes «O Gaiato» me ter feito passar bem pertinho dele... Agora depois do que escreveste ao Senhor de Lisboa, vieram queimar-me e dar-me a vontade firme — com a ajuda que Deus imerecidamente me tem concedido — de continuar daqui por diante a «arder» com os gaiatos, na «fogueira da Caridade» que em boa hora atearam e mantêm viva.

Faz dois pedidos: um para o seu nome não ser publicado e outro pela alma do pai da noiva que de hoje para amanhã será a sua companheira na vida. Esperamos que sejam felizes no casamento e que Deus os ajude, e lhes dê a felicidade.

Pode estar descansado que não esquecemos os nossos benfeitores nas nossas orações em nenhuma reunião. Que Deus o tenha no Céu.

Enviou 50\$00. Para a Campanha «tenha o seu Pobre» recebemos os donativos seguintes: Sr. Cruz, de Beira 150\$. Anónimo de Coimbra, 100\$. Assinante 28.854, Lisboa, 100\$. José M. Guimarães, 90\$. Anónima do Porto, 50\$. Outros donativos:

Assinante 14.305, 20\$00. Anónima da Corujeira, 20\$. Uma promessa 10\$. Entregue no Lar, 100\$. Assinante 33.580, 20\$. A todos estes nossos benfeitores muito e muito obrigado e que Deus não se esqueça deles. Um pedido: Agradecemos o nome da anónima do Porto, pois temos que designar o Pobre. Ou então as iniciais. E o bom povo do Porto está a ficar para trás. Vamos deitar fogo para isto incendiar.

João Luciano

PAÇO DE SOUSA

— Mais uma série delas, fresquinhas como a sardinha viva.

— O G. Desportivo ganhou ao Parizo Sport Clube da Foz por 5 bolas a zero, num encontro efectuado no nosso parque de jogos.

Obrigado pela visita e pelo galhardete oferecido. A malta apreciou-o muito e já se encontra na sala de trofeus para que toda a gente aprecie as actividades desportivas do nosso clube.

— Surpreendemos o Aranha, o Manuelzito e o Figueira ao pilha, numa das horas de recreio e toca a filmar:

— Eu estou a gozar o Figueira!
— Eu é que corro, diz o Manelzito
— E eu? É com uma mecha!
— Estás a gabar-te mas entras já!
— Não que eu vou acusar-te que foste aos ninhos!
— E tu não atiraste uma pedra ao garnizé?
— Mas não o matei.
— Pois não tens mira nenhuma!
— É o Aranha a ficar. Fogé...

— Maio. Cá estão eles. São os grilos a dar que falar!

Todos os anos é assim. Há sempre grande barulho por sua causa. É o diabo!...

Caixas abaixo e acima. Deles lá dentro. São a companhia desta grande malta brava! São os pequenos. Mas também vi dos que já namoram... A doença é quase geral!

Tanto vale no refeitório, como no trabalho, como nos dormitórios, hospital, casa-mãe, os do Sejaquim. Enfim, toda a minha gente goza da presença destes bichos amigos. Depois aos recreios é só vê-los às ervas! Há também quem os ponha na mesa e lhes dê horoa.

Também existe quem lhes faça mal. Está em causa o Sr. Tomar. Roubou os grilos a Categoria, enfiou-os numa lata de tinta de impressão. Ia a lançar gazolina quando um dos maiores interveio:

— Seu palerma. Que vais fazer?
— Também fizeram o mesmo aos meus.

— Quem foi?
— Sei lá... Agora também não digo.
— Pois não mas já tens a tua parte. Já ficaste a saber quantos são hoje!

— Também só bates aos pequenos. Deixa estar que quando eu for grande...

— Esteve de visita à nossa aldeia o Rancho de Gulpilbares. Vila Nova do Gaia. Por intermédio do Senhor Onofre e Senhor Alves, nossos grandes amigos, trouxeram o seu Rancho Folclórico, que fez uma exibição no nosso salão e no terraço à beira da capela, perante o agrado de todos os habitantes da aldeia dos gaiatos e muito pessoal de fora que veio para assistir, dada a categoria e fama que este agrupamento artístico goza e é conhecido por Portugal, não faltando nas suas festas e diversões sãs.

Deixou muito cartel cá para os nossos lados e é de prever que cá voltará. Uma vez que provamos e ficamos a gostar é preciso que se volte a repetir o prato. Depois foram visitar a nossa encantadora aldeia e visitar a campa do Pai Américo.

Muito e muito obrigado por visita tão amiga. Portanto viva o Rancho de Gulpilbares, que nos trouxe da sua alegria, suas canções e bailados. 50 mil leitores vão saber que nessa terra tão portuguesa, há pessoas muito alegres e gente muito boa!

— Mês de Maria. Como acontece todos os anos, neste mês sempre temos o terço melhorado, para oferecer à Mãe Grande.

Rezamos o terço mui familiarmente como lembramos o quadro da mãe a ditar o terço, sentada num mocho, nós à volta da lareira e o lume a crepitar na lareira a fazer o caldo que vai saciar o estômago. Não podemos andar arredados do amor da mãe, senão seríamos frios. Seríamos eternamente insaciáveis. Um vazão que não tinha razão de ser. É o calor da Mãe que clama alto e nos anima!

— Já estamos a precisar dum piano. O nosso está velhote e já nos vai falando num merecido descanso... Não há dúvida nenhuma que temos de lhe fazer a vontade, mas para que não continuemos a desafinar aqui na folha com notas falsas é preciso que os amáveis leitores levantem o dedo. Não devem ir no paleio. Não se fiem na cantiga: «Não mando porque se calhar já alguém andou mais depressa do que eu!». Se vier algum a mais não faz mal! Com isso não desanimamos nós!...

Lembrem-se que o Sejaquim tem do ensaiar, o coro orfeónico e que os

«Amigos do Pagode» não podem estar inactivos, senão lá se vai a nossa alegria!...

Vamos a ver quem chega primeiro à meta. As vezes Lisboa e Porto costumam andar ao desafio. O que nós queremos é que afinem o pronto!...

Daniel Borges da Silva

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Assinante 20.449, 10\$. Uma anónima, 20\$00. Do S. Mamede de Infesta, o costume de G. T., e «que a alma do Pai Américo continue velando por todos nós». Quem diz que não? Nós cremos firmemente que sim! Chegou a vez dum senhor vindo do Brasil. Não o conhecido «brasileiro»: eu não sou rico; não sou dos grandes. Eu sou pobre. Pois este senhor mal pôs os pés em terra de Portugal veio logo, em romagem, a Paço de Sousa. E se já antes era, agora mais amigo é! Tanto, que não quero me cortar o jornal! E deixou 500\$00 e outro tanto pró Calvário. «Duma assinante do Porto, 20\$00», e o Senhor Padre Carlos escreveu no papel 50\$! Onde virá este doce engano? Vila Viçosa, 20\$00. Isto é Alentejo! Oh saudades... Assinante 23.986, 50\$00. Idem, 22.743 e 16.951, 20\$00. Um Senhor da Foz do Douro mandou 500\$00 prós Conferências e o Senhor Padre Carlos fez o muito bem: «Tomar lá 250\$00. Os outros são pró Lar». Assim, ninguém refila. Aires Mourinho, 60\$00 correspondentes a seis meses de cotas, e mais 10\$00 de Napoleão Campos e mais 70\$00 de Carlos Souto, todos do Luso—Angola. Dr. Agostinho Moutinho, de Cabeceiras, segue como sempre com vinte deles e «para o buraco mais aberto».

Uma assinante de Gaia, 25\$00. Outra de Lourenço Marques, o dobro. E uma de Lisboa, 20\$00. E Avelino Marques, de algures, 100\$00. E Serafim Silva, 11\$00. E 100\$00 duma noiva que promete «voltar logo que possa». E 30\$ da assinante 33.573. E a terça parte de José Miranda Junior, de Guimarães. E 50\$00 de João Esteves, do Luso. A Senhora R. C. de Castelões, manda «200\$00 relativos aos meses de Março, Abril, Maio e Junho e peço desculpa da demora». Mais um subscritor que não falha. Pode atrazar? pode. Os corretores também não se atrazam? E depois? Depois recuperam e podem, até, alcançar a camisola amarela. Pois o conhecido «Bébé n.º 3» atrazou-se e aqui vai todo contente com 20\$, cotas de Janeiro e Fevereiro. Dr. Agostinho Moutinho, igual quantia. Mais 60\$00 dos netos da assinante 562. Das primeiras assinaturas! E os netos já estão a tomar o gosto pelo Gaiato... De «um zero», 120\$00, com o pedido de que seja «guardado o máximo sigilo quanto à pessoa que oferece e mesmo à localidade do ofertante». Isto sim. Isto é que tem todo o valor, O máximo. Deus seja louvado. Mais 20\$00 do assinante 26.157. M. Rebelo de Lisboa, segue com 50\$00. E de Léo, Léo é a abreviatura de Leopoldville, capital do Congo Belga, 100\$00 de Irene Mónica, Rosa Ramos e Costa, 5\$00, remanescente do pagamento dum serviço à Tipografia. Mesão Frio, assinante 22.476 30\$00. Lisboa, assinante 23.645, 20\$00. Valadares—Gaia, assinante 26.423, idem. Lisboa, assinante 24.621, 50\$00. Uma carta diz assim: «Junto envio essa pequena importância (50\$00) e peço o favor de mitigarem com ela qualquer necessidade urgente. Ofereço-a a Jesus Crucificado em súplica do perdão dos meus pecados. Que em Quinta Feira Santa eu O receba condignamente em minha alma. Uma Maria». E mais 50\$00 do assinante 1.170, de Castromil, Cete. E mais 250\$00 «De uma pessoa que muito vos deve, pelo muito que Deus a tem ajudado». E mais 60\$00 de Angela Lobão, cotas de Janeiro a Junho. E mais nada no fundo do «saco». Até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes